Ministério do Turismo e Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, apresentam

FESTIVAL ACESSA BH

2ª EDIÇÃO - 2022

Setembro e Outubro . BH e Online
Gratuito . Acessível

AD OC

acessabh

www.acessabh.com.br

Bem-vindos ao Festival Acessa BH!

É uma alegria enorme anunciar a segunda edição do Festival Acessa BH, que este ano será realizado em formato híbrido - presencial em Belo Horizonte e online no canal do YouTube www.youtube.com/acessabh.

O Acessa BH se expande passando de 05 para cerca de 50 atividades na programação, dentre debates, oficinas, rodas de conversa, apresentações de artes cênicas, de música, de literatura e mostra de processo. O objetivo é dar o protagonismo às pessoas com deficiência, tanto nos palcos, como no centro dos debates e promover um evento inclusivo e democrático, reunindo pessoas com e sem deficiências nas plateias.

Toda a programação é acessível e gratuita e acontece de 1º de setembro a 31 de outubro.

Convidamos artistas e profissionais de dez estados brasileiros e ampliamos nosso foco, pensando a diversidade em toda sua pluralidade, então, além do protagonismo da pessoa com deficiência, também garantimos espaço para o protagonismo de artistas mulheres e LGTBQIA+.

No Festival, teremos 26 apresentações de artes cênicas, 04 de música, 05 rodas de conversa, 02 oficinas e uma mostra de processo. Complementarmente, o Seminário promoverá mais 04 debates, 02 oficinas e 02 atrações literárias. Acompanhe a programação do Seminário em www.acessabh.com.br/seminario.

Te convidamos a fazer essa imersão inclusiva e acessível nas artes! E divulgue o Acessa para que o maior número de pessoas, com e sem deficiência, fique sabendo dessa iniciativa que promove a acessibilidade nas artes!

Daniel Vitral e Lais Vitral
Idealizadores do Acessa BH

PROGRAMAÇÃO ONLINE

SETEMBRO

01/09	19h	Live de abertura com Lais Vitral, Edu O., Jéssica Teixeira e Moira Braga. Mediação Brisa Marques
	20h	E.L.A. – Jéssica Teixeira (CE)
02/09	20h	Hermeto Pascoal (AL)
03/09	16h	Ventaneira – A Cidade das Flautas – Moira Braga (RJ)
09/09	20h	Elevador – Cia. Fluctissonante (PR)
10/09	20h	Ciranda de Retina e Cristalino – Cia Dança sem Fronteiras (SP)
13/09	19h	Live com artistas - Fernanda Amaral e Gabriel Sousa Domingues, da Cia Dança sem Fronteiras e Mateus Costa e Fernanda Rosa, do duo A Corda em Si Mediação Brisa Marques
19/09	19h	Bate-papo sobre teatro inclusivo e apresentação do ETA Festival! Esquetes de Teatro Acessível - Escola de Gente (RJ) Os Inclusos e Os Sisos - Teatro de Mobilização pela Diversidade
	20h	Ninguém mais vai ser bonzinho - Os Inclusos e os Sisos Escola de Gente (RJ)
20/09	19h	Live seguida de apresentação do Maestro João Carlos Martins Mediação Brisa Marques
21/09	19h45	Mediação Só se fechar os olhos
	20h	Só se fechar os olhos - Coletivo Desvio Padrão (SP) Sessão seguida de bate papo
22/09	19h45	Mediação Para Além do Gesto
	20h	Para além do gesto - Coletivo Desvio Padrão (SP) Sessão seguida de bate papo
26/09	20h	Batuqueiros do Silêncio e o Som da Inclusão - Som da Pele (PE)

acessabh

PROGRAMAÇÃO ONLINE

OUTUBRO

01/10	20h	Ah, se eu fosse Marylin! – Edu O. (BA)
04/10	20h	Motus – Congresso Internacional do Medo Ananda Cia de Dança Contemporânea (MG)
06/10	19h	Live com artistas - Anamaria Fernandes, João Paulo Lima e Juliana Barreto Mediação Brisa Marques
07/10	20h	A Corda em Si (SC)
11/10	20h	N'Otro Corpo – João Paulo Lima (CE)
12/10	16h	O Pequeno Príncipe - Cia Fluctissonante (PR)
13/10	20h	Frida - Vanessa Cornélio (SP)
17/10	19h	Live com artistas – Giovanni Venturini, Mona Rikumbi e Vanessa Cornélio Mediação Brisa Marques
24/10	20h	Ave – Ananda Cia de Dança Contemporânea e Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados
25/10	20h	A Não Ser - Giovanni Venturini (SP)
26/10	20h	Cartas para Irene - Oscar Capucho (MG)
27/10	20h	Kiuá Matamba – Salve a Força dos Ventos - Mona Rikumbi (SP)
31/10	20h	Húmus – Coletivo - Direção Renata Mara (MG)

acessabh

PROGRAMAÇÃO PRESENCIAL

Galpão Cine Horto

16/09	20h	Cabra-Cega – Pigmentar Companhia (MG)
17/09	20h	Cabra-Cega – Pigmentar Companhia (MG)
18/09	19h	Cartas para Irene – Oscar Capucho (MG)
23/09	20h	Pisca Devagar – Brisa Marques e Renata Mara (MG)
24/09	20h	Pisca Devagar – Brisa Marques e Renata Mara (MG)

Teatro Raul Belém Machado

21/10	20h	Caixa Preta – Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados (MG)
22/10	10h	Lágrimas da Floresta - Ananda Cia de Dança Contemporânea (MG)
	16h	Lágrimas da Floresta - Ananda Cia de Dança Contemporânea (MG)
23/10	19h	AVE – Ananda Cia de Dança Contemporânea e Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados Sessão seguida de bate-papo com artistas

***Todas as apresentações são gratuitas, com retirada de ingressos 1 hora antes de cada espetáculo, na bilheteria dos teatros.**

Espaço Cênico Yoshifumi Yagi - Teatro Raul Belém Machado
Rua Leonil Prata, s/n - Alípio de Melo – Belo Horizonte (MG)
Telefone: 31- 3277-6437

Como chegar:
Principais linhas de ônibus: 2290, 2460, 2810, 2890, 4403D, S56

Teatro Wanda Fernandes – Galpão Cine Horto
Rua Pitangui, 3613 – Horto – Belo Horizonte (MG)
Telefone: 31- 3481-5580

Como chegar:
Principais linhas de ônibus: 4620, 4802A, 9205, 9214, 9405, 9502
Metrô - Linha 1 - Estação Horto

PROGRAMAÇÃO ONLINE

LIVE DE ABERTURA

Lais Vitral, Jéssica Teixeira
Edu O. e Moira Braga
Mediação: Brisa Marques

01/09 | qui | 19h

Lais Vitral
Idealizadora, curadora e coordenadora do Acessa BH

Jéssica Teixeira
Atriz, produtora, diretora e roteirista

Moira Braga
Atriz, bailarina, performer, consultora em audiodescrição e professora

Edu O.
Artista da dança, performance, teatro, escritor e professor

Brisa Marques
Artista, escritora, letrista e jornalista

L

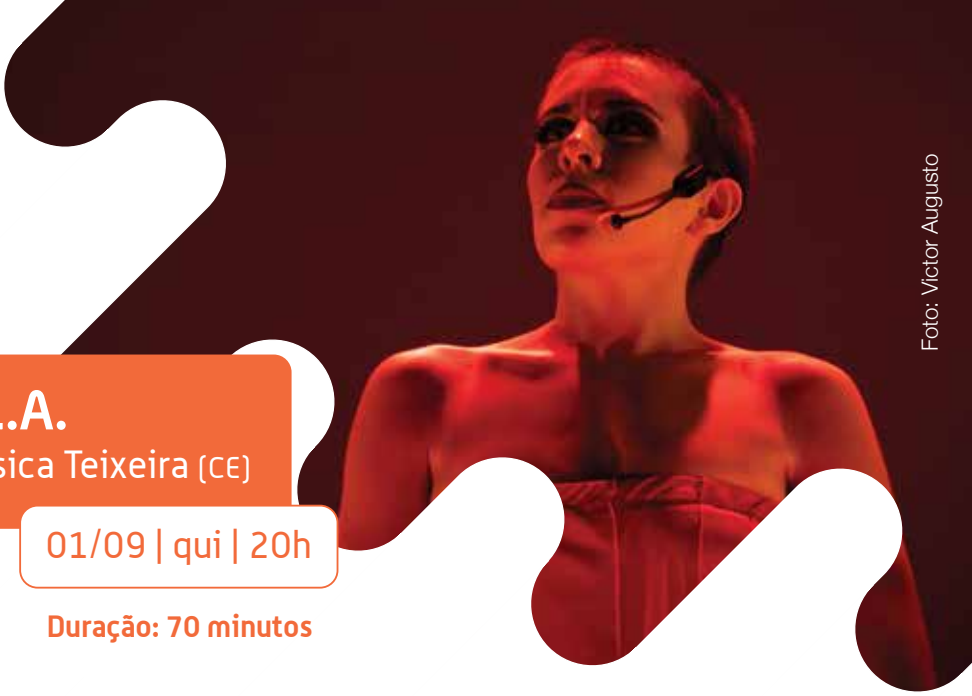

Foto: Victor Augusto

E.L.A.

Jéssica Teixeira (CE)

01/09 | qui | 20h

Duração: 70 minutos

Pudesse ser apenas um enigma. Mas não. O corpo faz problema. O corpo dá trabalho. Podem ser muitos. Pode ser inclusive, o que não queremos. O corpo será sempre o que ele quiser? É social. É político. É tecnológico. É inconsciente. Pensamento. Desejo. Invisível. Invasor. O corpo se despedaça. É estrutura. É movimento. Mas, sobretudo, é estranho. Eu sou o outro e a outra. Teimo e reexisto. Ele se degenera e **E.L.A.** se faz impossível.

Biografia

Jéssica Teixeira é atriz, produtora, diretora e roteirista. Graduada em Teatro - Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará e Mestre em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes também pela UFC. Trabalha com as artes da cena desde os 7 anos e já trabalhou com diversos grupos na capital e do interior do Ceará, dentre eles: “Pavilhão da Magnólia”, “Terceiro Corpo”, “Trupe Motim de Teatro” (Quixeré-CE) e “Comedores de Abacaxi S/A”. Tem no seu currículo mais de 30 espetáculos como atriz, performances e vídeo-performances. Recentemente, desenvolve uma pesquisa sobre "Corpo Impossível" a partir da investigação sobre o seu próprio corpo estranho, matéria prima para a criação do seu primeiro solo “E.L.A”, onde está como atriz, produtora e dramaturga da obra. No audiovisual, Jéssica realizou, em 2020, o documentário "Pudesse ser apenas um enigma", onde assinou o roteiro e direção com Pedro Henrique, e também atuou, roteirizou e produziu o curta metragem “Curva Sinuosa”, dirigido por Andréia Pires, em 2021. No mesmo ano, participou como atriz do curta “Possa Poder” dos diretores Victor Di Marco e Márcio Picolli e, atualmente, iniciou a direção do primeiro solo de teatro do multiartista gaúcho Victor Di Marco.

AD OC 14

Foto: divulgação

HERMETO PASCOAL (AL)

02/09 | sex | 20h

Duração: 85 minutos

Apresentação de **Hermeto Pascoal** com seu Grupo, a tradicional 'Nave Mãe', que ajudou a impulsionar a carreira de grandes instrumentistas da música brasileira, entre eles Carlos Malta, Jovino Santos Neto, Nenê, Marcio Bahia, Vinicius Dorin e Heraldo do Monte. Atualmente, o grupo é formado por Itiberê Zwarg (baixo), Jota P. (saxes e flautas), Fabio Pascoal (percussão), André Marques (piano) e Ajurinã Zwarg (bateria) que, ao lado do "Campeão", tornam suas apresentações uma verdadeira experiência sensorial indescritível, inesquecível e sem contra indicações.

Biografia

Hermeto Pascoal é música. Icônico compositor e multi-instrumentista, o alagoano de Lagoa da Canoa é autodidata e iniciou sua história na música em 1950, em Recife, com apenas 14 anos. Vencedor de 2 Grammys Latinos, Doutor Honoris Causa pela New England Conservatory e pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Hermeto formou importantes grupos ao longo de sua carreira, entre eles o Quarteto Novo (1967), o Brazilian Octopus (1969) e o seu "Grupo", que o acompanha desde o final dos anos 1970. Tornou-se conhecido em todo o mundo graças às apresentações e participações em grandes festivais, como o de Montreux (Suíça), em 1979, quando foi editado o álbum duplo Hermeto Pascoal Ao Vivo; e ter tido 2 obras no disco "Live-Evil" de Miles Davis, que já no início dos anos 70 disse que Hermeto era "o músico mais impressionante do mundo".

AD OC L

Foto: Luciano Xavier

VENTANEIRA: A CIDADE DAS FLAUTAS

Moira Braga (RJ)

03/09 | sab | 16h

Duração: 30 minutos

Ventaneira – A Cidade das Flautas é um espetáculo idealizado pela atriz, bailarina, jornalista e consultora em acessibilidade Moira Braga. Inspirada no livro "As Cidades Invisíveis", de Ítalo Calvino, Moira criou Ventaneira, a cidade dos ventos que tocam flautas, das birutas que giram no alto de torres espiraladas, das casas côncavas em forma de conchas. O texto inspira poesia, música, movimento e convida o espectador a reinventar a realidade. Com muita leveza, aborda o tema das diferenças, da diversidade e da capacidade humana de superar limitações. Ventaneira é uma cidade fantástica onde flautas voam amarradas em pipas coloridas e só o sopro dos ventos pode tocar estes instrumentos musicais. Um dia amanhece silenciosa, sem ventos e sem música. Até que o menino Rudin, o único habitante de Ventaneira que não sabia nem fazer flautas, nem empinar pipas e que só consegue ver o que suas mãos podem alcançar, descobre como trazer a música e a alegria de volta à cidade.

Biografia

Moira Braga é atriz, bailarina contemporânea, performer, consultora em audiodescrição em conteúdos artísticos, professora do curso técnico de bailarino contemporâneo na escola e faculdade Angel Vianna e mestranda em dança na Universidade Federal da Bahia. Possui dois trabalhos autorais: o livro, audiolivro e espetáculo Ventaneira, A cidade das flautas e a performance O que você vê?. É bailarina da Pulsar CIA de Dança desde 2013. No teatro, é preparadora corporal de elenco, já fez assistência de dramaturgia e assistência de direção. Desde 2019, é preparadora corporal do coral Sidney Marzullo, composto por 24 cantores, todos com deficiência visual. Em 2020, participou do projeto Identidades, realizado pela Palavra Z Produções, convidando artistas com deficiência para falar de seus trabalhos através de lives no Instagram, além de participar de vários eventos nas plataformas digitais como artista e debatedora dos temas arte e acessibilidade.

AD OC L

Foto: Elenize Dezgeniski

ELEVADOR

Cia Fluctissonante (PR)

09/09 | sex | 20h

Duração: 60 minutos

Um grupo de artistas brasileiros reúne-se para encenar um texto já encenado centenas de vezes na história do teatro. Em sua estreia, os três - um ator idoso, uma atriz surda e uma diretora ouvinte - são surpreendidos pela presença de um espectador cadeirante no térreo do teatro: o elevador de acesso ao auditório está quebrado. Esta ocasião, então, dá sequência a alguns fragmentos de seus processos criativos, do espetáculo que estrearíam na mesma noite e dos olhares plurais que lançam em relação aos dias em que vivem.

Biografia

A Cia. Fluctissonante é um coletivo curitibano formado por artistas surdos e ouvintes que se dedicam à criação cênica contemporânea e bilíngue (Libras e Português). Seus projetos unem os públicos surdo e ouvinte nas plateias. Ao longo de sua trajetória produziu espetáculos para adultos como 'Giacomo Joyce' (2017) e '\TODAS/' (2018) e também para a infância, como 'Enquanto a Chuva Cai' (2016) e 'Conto Com Libras' (2018). Em 2021, estreou sua quinta montagem, 'Elevador', com direção da artista convidada Georgette Fadel. Em 2020, passou também a desenvolver projetos digitais como a websérie 'Mulheres - Sinais de Suas Escritas' e a versão online do espetáculo 'Conto Com Libras', além do show-cênico-musical 'Origami - Músicas Para Ver e Ouvir'. Assim, a companhia consolidou-se precursora nacional na criação em arte acessível, destacando-se justamente pela união das duas línguas oficiais do Brasil dentro da cena.

AD OC 16

Ciranda de Retina e Cristalino é um documentário-espetáculo, criado durante a pandemia e que aborda com sutileza e delicadeza muitos dos temas dos últimos anos. O espetáculo apresenta diversos personagens incluindo a Retina, mulher com baixa visão que baila atrás de sua janela; Cristalino, jovem com baixa visão que se equilibra fazendo malabarismos na penumbra com sua bengala verde e sua roda iluminada; Cecília, jovem que baila com seu olho roda com grandes cílios e Iris e Corneia, dançarinas com duas faces, que dançam e refletem suas imagens em um grande espelho, Desfocado dança com sua pequena roda em sua cadeira de rodas. Todos isolados em seus círculos, mas conectados por suas narrativas corporais que, às vezes, se unem em uma só coreografia formada por diversos corpos e olhares que os levam a uma grande ciranda da memória.

Biografia

A Cia Dança sem Fronteiras foi criada em 2010, em São Paulo, pela bailarina, coreógrafa e educadora Fernanda Amaral. Desde a sua criação, a companhia, com mais de doze espetáculos no repertório, realiza oficinas de dança e apresentações em teatros, museus, espaços abertos (ruas e praças) e diversos SESCs da capital e interior, além de participação nos festivais Sencity no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), Vozes do Corpo e Mostra Internacional Mais Sentidos no Teatro Sérgio Cardoso. Contemplada com diversos editais e prêmios, em 2021 recebeu o prêmio Denilto Gomes por sua atuação inclusiva com "Olhares dos Sapatos" e a estreia do documentário-espetáculo "Ciranda de Retina e Cristalino".

AD OC L

CIRANDA DE RETINA E CRISTALINO

Cia Dança sem Fronteira (SP)

10/09 | sáb | 20h

Duração: 60 minutos

Foto: Silvia Machado

LIVE COM ARTISTAS

Fernanda Amaral e Gabriel Sousa Domingues,
da Cia Dança sem Fronteiras
e Mateus Costa e Fernanda Rosa,
do duo A Corda em Si
Mediação: Brisa Marques

13/09 | ter | 19h

Fernanda Amaral
Bailarina, coreógrafa,
educadora e fundadora
da Cia Dança sem Fronteiras

Gabriel Sousa Domingues
Bailarino, integrante
da Cia Dança sem Fronteiras

Fernanda Rosa
Cantora, compositora e
percussionista do duo
A Corda em Si

Mateus Costa
Contrabaixista, arranjador e
compositor do duo
A Corda em Si

Brisa Marques
Artista, escritora, letrista e
jornalista

L

19h – Bate-papo sobre teatro inclusivo e apresentação do ETA Festival! - Esquetes de Teatro Acessível - Escola de Gente (RJ) - Os Inclusos e Os Sisos - Teatro de Mobilização pela Diversidade.

20h - Espetáculo Ninguém mais vai ser bonzinho
O espetáculo aborda, com muito humor, questões cotidianas de preconceito e discriminação. São esquetes em que atores e atrizes se revezam em personagens em que o público se reconhece com facilidade, permitindo que todas as pessoas - com e sem deficiência - participem e se divirtam juntas no teatro virtual.

Biografia

O grupo foi criado em 2003 por iniciativa da atriz Tatá Werneck, com demais estudantes de Artes Cênicas da UniRio. É um grupo de teatro profissional da Escola de Gente, com sede no Rio de Janeiro. Desde sua formação, Os Inclusos e os Sisos têm atuado continuamente em teatros e espaços diversos em todas as regiões do Brasil. Nestes quase 20 anos que passaram, o grupo chegou à sua sétima formação. O grupo foi assistido nos últimos quase 20 anos por mais de 200 mil pessoas Suas apresentações presenciais são sempre gratuitas e com plena acessibilidade - o que não mudou no ambiente virtual.

NINGUÉM MAIS VAI SER BONZINHO

Os Inclusos e os Sisos - Teatro de Mobilização pela Diversidade e Escola de Gente - Comunicação em Inclusão (RJ)

19/09 | seg | 20h

Duração: 55 minutos

19h – Live seguida de apresentação com Maestro João Carlos Martins
Mediação Brisa Marques

Biografia

O maestro João Carlos Martins se eleva a um patamar raramente alcançado por outros músicos brasileiros no século XX. Considerado um dos maiores intérpretes de Johann Sebastian Bach, teve como um dos pontos altos de sua carreira a gravação da obra completa para teclado deste gênio da música. Logo após, devido a problemas físicos, teve que abandonar a carreira de pianista, canalizando para a regência sua paixão pela música.

MAESTRO JOÃO CARLOS MARTINS

20/09 | ter | 19h

Duração: 60 minutos

Foto: Fernando Mucci

Em cena, duas mulheres paradas lado a lado. Portam pesados vestidos que, de tão longos, se acumulam no chão formando amontoados de tecido. E cintos, de onde pendem estranhos objetos. Se o espectador fechar os olhos e abrir os ouvidos, ele as vê. E elas dançam. Com concepção e performance de Maria Fernanda Carmo e Mariana Farcetta, **Só se fechar os olhos** é uma experiência sinestésica que resulta da colaboração entre a mente do espectador e o fluxo incontrolável de uma coreografia. O texto que descreve essa dança, escrito por Edgar Jacques - ator e dramaturgo cego desde a infância - é narrado sobre trilha sonora original executada por Enrique Menezes (composição e viola caipira) e Rafael Ramalhoso (violoncelo).

Biografia

Desvio Padrão é um coletivo composto por pessoas que transitam nas pontas da curva normal: cegos, videntes, surdos e ouvintes atuantes em linguagens diversas do campo da cultura como artistas, técnicos, produtores ou tudo isso junto. Nasceu como uma dupla que quis se tornar grupo para abarcar as milhares de possibilidades que existem quando somados os universos dos seus membros. E assim, desde 2019, vem aglutinando gente que está e gosta de estar nas bordas, ali onde o normal é ser diferente porque pluralidade, hibridismo e heterogeneidade é vida rica. A partir dessa estética da diversidade, o grupo cria e produz planos de acessibilidade, cursos, recursos e espetáculos artísticos.

AD L

SÓ SE FECHAR OS OLHOS

Coletivo Desvio Padrão (SP)

21/09 | qua | 19h45

Duração: 75 minutos

19h45 | Recepção do público/mediação
20h | Espetáculo
20h30 | Bate-papo

*Os interessados em participar da mediação prévia e do bate-papo com o Coletivo Padrão devem se inscrever, entre 12 e 19 de setembro, no site https://acessabh.com.br/inscricoes/

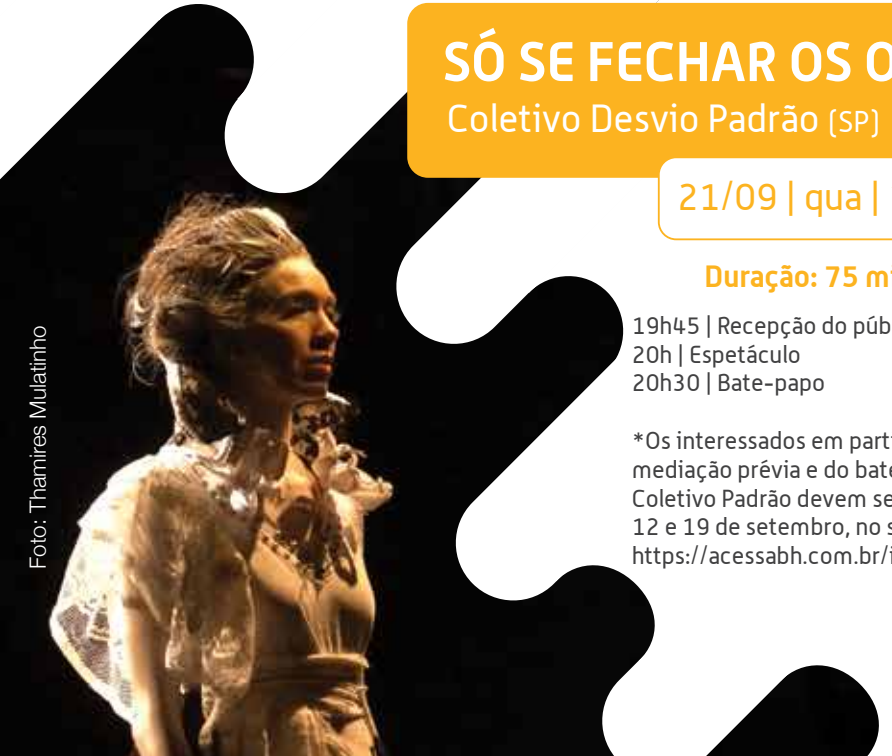

Foto: Thamires Mulatinho

Foto: Thamires Mulatinho

PARA ALÉM DO GESTO

Coletivo Desvio Padrão (SP)

22/09 | qui | 19h45

Duração: 73 minutos

19h45 | Recepção do público/mediação
20h | Espetáculo
20h30 | Bate-papo

*Os interessados em participar da mediação prévia e do bate-papo com o Coletivo Padrão devem se inscrever, entre 12 e 19 de setembro, no site https://acessabh.com.br/inscricoes/

Em cena, duas mulheres paradas lado a lado. Portam pesados vestidos, que, de tão longos, se acumulam no chão formando amontoados de tecido. E cintos, de onde pendem estranhos objetos. Se o espectador transcender o gesto, ele as vê. E elas dançam.

Biografia

Desvio Padrão é um coletivo composto por pessoas que transitam nas pontas da curva normal: cegos, videntes, surdos e ouvintes atuantes em linguagens diversas do campo da cultura como artistas, técnicos, produtores ou tudo isso junto. Nasceu como uma dupla que quis se tornar grupo para abarcar as milhares de possibilidades que existem quando somados os universos dos seus membros. E assim, desde 2019, vem aglutinando gente que está e gosta de estar nas bordas, ali onde o normal é ser diferente porque pluralidade, hibridismo e heterogeneidade é vida rica. A partir dessa estética da diversidade, o grupo cria e produz planos de acessibilidade, cursos, recursos e espetáculos artísticos.

OC L

Foto: Arquivo Pessoal

BATUQUEIROS DO SILÊNCIO E O SOM DA INCLUSÃO

Som da Pele (PE)

26/09 | seg | 20h

Duração: 50 minutos

Batuqueiros do Silêncio e o Som da Inclusão é uma síntese do repertório do grupo que vai dos ritmos tradicionais de nossa cultura popular, passando pelo Maracatu de Baque Virado, Frevo, Coco de Roda, Ijexá e Ciranda, além de visitar também alguns ritmos mais contemporâneos tais como: Afro Beat, Break Beat, Drum in Bass, Raggamuffin, Reggaeton e Manguebeat, claro. O som forte das alfaias associado aos recursos luminosos que são usados nos instrumentos, somados a mensagens que falam de atitude, inclusão e respeito, proporciona uma experiência inesquecível e que sempre ultrapassa os limites do som!

Biografia

Ao longo desses 12 anos de existência e resistência em um cenário musical que conta ainda com poucos grupos formados por pessoas com deficiência, o grupo conta muitas apresentações em sua trajetória musical inclusiva e já realizou apresentações e concertos didáticos em centenas de cidades de 15 estados do país, entre elas: Recife, João Pessoa, Salvador, Florianópolis, São Paulo e Rio de Janeiro. E foi no Rio de Janeiro a maior de todas (até agora) que foi participar da Festa de Encerramento dos Jogos Paraolímpicos Rio 2016, que rendeu um convite para tocar nas Paraolimpíadas de Tóquio em 2020, mas infelizmente a pandemia do Covid-19 adiou essa apresentação. Recentemente, o grupo tem investido na formação pedagógica dos seus integrantes e já conta com educadores surdos aptos a despertar a musicalidade de outros jovens surdos. Então, além de Batuqueiros do Silêncio, agora também existem os Educadores do Silêncio espalhando a MusiLibras por todo Brasil.

AD OC L

Foto: Nei Lima

AH, SE EU FOSSE MARYLIN!

Edu O. (BA)

01/10 | sab | 20h

Duração: 42 minutos

Ah, se eu fosse Marilyn! é uma performance criada por Edu O. inspirada na peça "Dias Felizes" de Samuel Beckett. A partir da construção/desconstrução de imagens corporais cotidianas, reflete sobre a passagem do tempo. Isolado em seu quarto, o homem é consumido por seus objetos, roupas e livros. A forma cíclica, inconstante e impermanente como a vida vai se apresentando, nos propõe reflexões acerca da nossa trajetória, expectativas, conquistas e insucessos. Que rastros deixamos pelo caminho? Aonde chegamos? O que é dar certo? O que é o sucesso? Uma proposta artística que versa também sobre os padrões corporais e morais que se impõem às individualidades e particularidades de cada um.

Edu é um artista conhecido pelo seu engajamento nas questões de acessibilidade cultural. Nesse trabalho, a audiodescrição é parte integrante da obra, tecendo o fio condutor da sua narrativa. A Libras também é compreendida dentro da sua estética e o próprio dançarino é o intérprete, utilizando alguns sinais na sua pesquisa de movimento. Este trabalho, originalmente, criado em praias de Salvador/Bahia, tem uma trajetória de circulação por diversas cidades brasileiras: Itacaré (BA), Natal (RN), Belém (PA), Belo Horizonte (MG) e São Paulo (SP) e no exterior: La Seyne-sur-mer, La Cadiere, Nice (França), Cidade do México (México) e Karlshure (Alemanha).

Biografia

Edu O. é artista da dança, performance, teatro, escritor e professor da Escola de Dança da UFBA. Mestre em Dança (PPGDANCA/UFBA) com especialização em Arteterapia (UCSal), doutorando em Difusão do Conhecimento (DMMDC). Diretor do Grupo X de Improvisação em Dança e cofundador do Coletivo Carrinho de Mão. Entre seus trabalhos artísticos, destacam-se: Judite quer chorar, mas não consegue! Odete traga meus mortos; Ah se eu fosse Marilyn! O Corpo Perturbador; Bonito; Striptease-Bicho e Ki-lezuuummmm. Com vasta experiência internacional, desde 2004, ininterruptamente, participa do intercâmbio cultural Euphorico, uma produção do Grupo X junto à Cie Artmacadam/França. No período de Junho de 2010 a setembro de 2012, participou do projeto Unlimited, da Candoco Dance Company-Inglaterra, para apresentações nas Olimpíadas Culturais de Londres e também na China. Integrou o elenco da Cie Kastor Agile/Lyon nos espetáculos Tempete 13º Sud (2009) e Cosme e Damião (2013). Em 2007, participou do espetáculo Joy Lab Research, do coreógrafo americano Alito Alessi.

AD OC L

Foto: Gilberto Goulart

MOTUS

Ananda Cia de Dança Contemporânea (MG)

04/10 | ter | 20h

Duração: 18 minutos

Motus é uma criação coreográfica originada a partir do poema "Congresso Internacional do Medo", de Carlos Drummond de Andrade. A criação entrelaça poema, dança e língua de sinais brasileira – Libras. Nasce do encantamento pela língua de sinais enquanto cultura e movimento, e do desejo de explorar experiências artísticas fundadas na diferença para a criação de novas linguagens estéticas. O poeta fala do medo. Este medo tão presente, hoje, que nos imobiliza, esteriliza, estanca e engole – seja no plano individual ou coletivo. Por meio desta criação singular, o grupo também discute a questão de racismo, gênero e sexualidade.

Biografia

A Cia Ananda foi fundada em 2017 pela dançarina e coreógrafa Anamaria Fernandes, juntamente com 20 outros artistas. Foi projeto de extensão da UFMG até o ano de 2020. Desde 2021 a Cia se configura como um coletivo de artistas que promove múltiplas atividades: espetáculos de dança contemporânea, oficinas temáticas, formações, palestras e criações de filmes. Todas essas ações compartilham uma abordagem artística comum: a estética da diferença, a estética da diversidade. Através de seu trabalho de criação e oficinas, a Cia Ananda funda sua pesquisa e ações em torno da investigação gestual e vocal, da autoralidade, da noção do encontro, da diversidade, do compartilhamento e da acessibilidade. Ela confere uma atenção especial aos públicos que enfrentam dificuldades de acesso a direitos sociais e culturais fundamentais.

AD OC L

LIVE COM ARTISTAS

Anamaria Fernandes, João Paulo Lima e Juliana Barreto
Mediação: Brisa Marques

06/10 | qui | 19h

Anamaria Fernandes
Dançarina, coreógrafa
e fundadora da Cia Ananda

João Paulo Lima
Artista, performer,
educador e escritor

Juliana Saúde
Fundadora do Núcleo
de Criação e Pesquisa
Sapos e Afogados

Brisa Marques
Artista, escritora, letrista e
jornalista

L

Um contrabaixo e uma voz, duas linhas sonoras que se entrelaçam em uma dança que insinua, sugere muito mais do que mostra. O peito vibra e a voz salta no ar. Emoção, intimidade, cores de uma paisagem rica e vibrante. Fernanda Rosa e Mateus Costa, deficientes eficientes, não visuais, visionários pela proposta da corda bamba, do dia-a-dia da profissão. Equilíbrio na corda, A Corda em Si há treze anos juntos. A audiodescrição dá acesso à dignidade, lugar de pertencimento e que é de todos. No repertório dessa apresentação, composições instrumentais feitas para essa formação, poesias sobrepostas e Heitor Villa-Lobos. Fones de ouvidos fazem o peito soar, na intensidade de cada um e em cada momento... à surpresa.

Biografia

O duo A Corda em Si é formado por Mateus Costa (contrabaixista, arranjador e compositor) e Fernanda Rosa (cantora, percussionista e compositora), ambos pessoas com deficiência visual. Estreou em 2009 em Florianópolis/SC, com a proposta de fazer música na rara formação de contrabaixo e voz. Em seus 13 anos de trajetória, o duo produziu 2 CDs e 1 DVD, sendo este último premiado pelo governo do Estado de Santa Catarina, gravado ao vivo em 2018, o primeiro DVD Cego que se tem registro. O show "LivreMente" que dá nome a este DVD em 2019 esteve no Rio de Janeiro encerrando o Projeto "Arte e Acessibilidade" no SESC Ginástico, representando a região Sul do país.

AD OC L

VER-TE
A Corda em Si (SC)

07/10 | sex | 20h

Duração: 50 minutos

Foto: Antonio Rossa

N'otro Corpo é um ensaio sobre possibilidades. O que nos constitui sujeitos de nós mesmos e de nossos movimentos? Essa dança afirma reagir, resistir e empoderar. O olhar autoetnográfico de João Paulo Lima constrói um discurso sobre a história-memória-corpo. O que dizer de uma experiência que pode nascer do "corpo sem o sentido da falta", como anota o escritor angolano Gonçalo M. Tavares? Variações lúdicas, grotescas e eróticas gravitam as ideias do intérprete e da diretora Alda Pessoa ao invadir olhares para lançar perguntas: Que corpo temos? Que corpo podemos ter?

Biografia

João Paulo Lima é artista, performer, educador e escritor. Doutorando em Dança (UFBA). Mestre em Literatura Comparada. Técnico em dança contemporânea e assessor de acessibilidade. Desenvolve suas pesquisas sobre corporeidades diversas. Dirigiu espetáculos como Kahlos, De las Entrañas, Corpo Intruso. Elaborou solos em dança e vídeo performance: Devotees e Cova. Formou parte do Núcleo de Estudos em Performance Arte. É ativista dos direitos das pessoas com deficiência.

AD OC 14

Foto: Luiz Alves

N'OTRO CORPO

João Paulo Lima (CE)

11/10 | ter | 20h

Duração: 35 minutos

Em sua nova montagem para crianças, a Cia. Fluctissonante revisita o clássico da literatura mundial **O Pequeno Príncipe**. Na peça, duas atrizes e um ator levam ao público a história do Principezinho que encontra um Aviador em meio ao deserto, e passa a narrar as aventuras que viveu nos planetas em que passou. Desta vez, a trama é encenada em Português e Libras simultaneamente, a fim de unir os públicos surdo e ouvinte na plateia do espetáculo.

Biografia

A Cia. Fluctissonante é um coletivo curitibano formado por artistas surdos e ouvintes que se dedicam à criação cênica contemporânea e bilíngue (Libras e Português). Seus projetos unem os públicos surdo e ouvinte nas plateias. Ao longo de sua trajetória produziu espetáculos para adultos como 'Giacomo Joyce' (2017) e '\TODAS/' (2018) e também para a infância, como 'Enquanto a Chuva Cai' (2016) e 'Conto Com Libras' (2018). Em 2021, estreou sua quinta montagem, 'Elevador', com direção da artista convidada Georgette Fadel. Em 2020, passou também a desenvolver projetos digitais como a websérie 'Mulheres - Sinais de Suas Escritas' e a versão online do espetáculo 'Conto Com Libras', além do show-cênico-musical 'Origami - Músicas Para Ver e Ouvir'. Assim, a companhia consolidou-se precursora nacional na criação em arte acessível, destacando-se justamente pela união das duas línguas oficiais do Brasil dentro da cena.

AD OC L

O PEQUENO PRÍNCIPE

Cia Fluctissonante (PR)

12/10 | qua | 16h

Duração: 60 minutos

Foto: Elenize Dezgeniski

Como uma pessoa com deficiência pode se estabelecer na arte? Como a sociedade, de modo geral, entende, recebe e se relaciona com tantas pessoas que coexistem juntas, em suas muitas e diferentes necessidades? Estas são algumas inquietações presentes em **"Frida"**, performance artística digital. A atriz e comunicóloga Vanessa Cornélio empresta sua pele a Frida Kahlo, celebrada artista mexicana, em um texto criado a partir de cartas, seu diário e mesmo citações em reportagens da época que ela viveu. Em suas semelhanças e individualidades, Frida e Vanessa compartilham sonhos, dores e desafios: como viver neste nosso mundo em um corpo com deficiência? Para além da performance, Vanessa traz depoimentos pessoais que se confundem com a trajetória de Frida, com falas potentes sobre as múltiplas e diversas questões que perpassam o cotidiano das pessoas com deficiência.

Biografia

Vanessa Cornélio é diretora e performer. Bacharela em Comunicação Social, com especialização em Criação Publicitária. Em 2010 passa a pesquisar artes, em especial as artes cênicas, artes visuais e literatura, aprofundando nas questões semióticas que as norteiam. Em 2011 funda o grupo Asa de Borboleta Performance Art, onde pesquisa o corpo cênico performativo e a relação com o corpo com deficiência, é cadeirante. Produziu e apresentou as performances: Um ser, só., Admitimos PCD, HUMALTERIDADE, [Pre(sente)], Contágio, Chorando Cebolas e A pessoa com deficiência não é um fardo. Com o Asa de Borboleta Performance Art, recebeu os prêmios de Arte e Inclusão, oferecido pela Abaçaí Cultura e Arte e Secretaria do Estado dos direitos da Pessoa com deficiência em 2018, e o Prêmio Nelson Seixas, oferecido pela Secretaria de Cultura de São José do Rio Preto, em três edições, 2017, 2019 e 2021. No teatro, fundou ao lado de Milton F. Verderi e Lawrence Garcia, o Grupo Kahlos de Teatro.

AD OC L

Foto: Mona Lu

FRIDA

Vanessa Cornélio (SP)

13/10 | qui | 20h

Duração: 12 minutos

LIVE COM ARTISTAS

Giovanni Venturini, Mona Rikumbi
e Vanessa Cornélio
Mediação: Brisa Marques

17/10 | seg | 19h

Giovanni Venturini
Ator, palhaço,
dramaturgo/roteirista e poeta

Mona Rikumbi (Filha do Sol)
Atriz, poeta, performer, modelo

Vanessa Cornélio
Diretora e performer

Brisa Marques
Artista, escritora, letrista e
jornalista

L

Foto: Gilberto Goulart

AVE

Ananda Cia de Dança Contemporânea
e Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados (MG)

24/10 | seg | 20h

Duração: 20 minutos

Ave é um documentário-espetáculo que traz fragmentos e depoimentos da criação "Ave", composta por artistas da Ananda Cia de Dança Contemporânea e do Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados. Este trabalho inédito compartilha registros de gestos, sons e palavras que atravessam e constituem a construção de um espetáculo híbrido de dança e teatro. São com voos, revoadas, quedas, cantos e fúria que, poeticamente, os artistas questionam o lugar da arte na nossa sociedade e como esta tem lidado com corpos loucos e corpos violentados.

O encontro entre Cia Ananda e Sapos e Afogados

A parceria entre a Cia Ananda e o Sapos e Afogados se inicia em 2020 em um debate promovido pelo Seminário Acessa BH, onde Anamaria Fernandes, Juliana Saúde, Oscar Capucho e Viviane de Cassia, debatiam sobre "O que pode o corpo?". Desde então, Anamaria e Juliana começaram a pensar num espetáculo para unir os dois grupos, numa composição que entrelaça a dança e o teatro, com dramaturgia de João Santos.

AD OC L

Foto: Caique Barboza

A NÃO SER

Giovanni Venturini (PR)

25/10 | ter | 20h

Duração: 28 minutos

Partindo de perguntas e de uma reflexão cotidiana sobre sua própria condição e os diferentes olhares que recebe, Giovanni Venturini criou uma ação performativa que traz pílulas poéticas abordando a questão do nanismo como dispositivo para a criação. A apresentação tem momentos narrativos e performativos, a fim de contextualizar o universo explorado pelo artista. Além do viés da acessibilidade, o espetáculo busca provocar uma reflexão sobre a identidade única de cada ser humano e assim facilitar o processo de aceitação de suas diferenças.

A performance inicia com ludicidade para mostrar o universo mágico que estão acostumados a enxergar a pessoa com nanismo, sempre ligadas a bobos da corte, figuras míticas ou circenses. Deste modo, percebemos os diferentes e sempre incompletos olhares que são oferecidos pela sociedade. Essa eterna busca do que ou de quem se é, levando o ator/poeta a entender que precisa descobrir o seu "não ser" antes do seu ser, como sugere o próprio título da performance.

Biografia

Giovanni Venturini é ator, palhaço, dramaturgo/roteirista e poeta. Seja nas telas ou nos palcos, sempre traz a discussão de ser um corpo divergente na arte. Seu mais recente trabalho é "Corpo Celeste", que entrou em órbita recentemente. Na literatura, compartilhou sua poesia através do livro "A não ser", lançado em 2015. Seu espetáculo solo, com o mesmo título do livro, reúne poesia, teatro e circo somado as vivências e experiências pessoais do ator/autor.

AD OC L

Foto: Juliana Cancio

CARTAS PARA IRENE

Oscar Capucho (MG)

26/10 | qua | 20h

Duração: 60 minutos

"Cartas para Irene é um trabalho que fala sobre memória e saudade e se estrutura a partir de cartas escritas por Oscar Capucho à sua mãe, falecida em abril de 2012. Oscar Capucho é dançarino e ator. Ficou cego aos 9 anos devido a um descolamento de retina. Neste espaço-tempo que marca a transição entre o mundo permeado por imagens e um outro, no início obscuro, permeado de incertezas, Oscar descreve com muita emoção o papel que Irene, sua mãe, teve em sua vida.

Biografia

Oscar Capucho é formado em teatro pela UFMG. Iniciou sua carreira atuando no grupo "Nós Cegos" e, posteriormente, já com experiência, recebeu convites para dirigir trabalhos teatrais. Um curioso pesquisador do movimento, sempre se inspirou na dança, a qual lhe proporcionou diversas experiências com importantes artistas e uma relevante participação na cerimônia de abertura das Paraolimpíadas Rio-2016. Hoje, componente da Cia. Ananda, compartilha sua pesquisa ministrando workshops e residências artísticas pelo Brasil e Europa.

AD OC L

Foto: Luisa Zucchi

KIUÁ MATAMBA - SALVE A FORÇA DOS VENTOS

Mona Rikumbi (SP)

27/10 | qui | 20h

Duração: 32 minutos

Monólogo da artista Mona Rikumbi, acompanhada pelo percussionista Adetayo Ariel. Utilizando cânticos e toques do Ngoma (tambores) com referências de natureza étnica Bantu e textos autorais, a performance traz a perspectiva da cura, onde de forma lúdica "Matamba", Divindade Afro Bantu, leva para longe com seus Ventos, todo mal do mundo. Sobre: fome, racismo, sexismo, capacitismo, medo, guerra, morte...

Biografia

Mona Rikumbi (Filha do Sol) é atriz, poeta, performer, modelo. Ativista nas questões raciais, de gênero, de manutenção das tradições africanas, no protagonismo dos artistas com deficiência e na moda acessível. Primeira mulher negra e cadeirante a atuar no Theatro Municipal de São Paulo.

AD OC L

Substância orgânica amorfa que fertiliza a terra – **HÚMUS**: espetáculo de dança que nos coloca em contato com a nossa condição humana, marcada pelo eterno ciclo de nascer, morrer e renascer. Frente às diversidades humanas presentes em cena, vê-se tanto as diferenças dos corpos quanto a transcendência do que nos iguala. Húmus - Do fim ao começo...

Biografia

O coletivo do espetáculo de dança "Húmus" se formou em 2018 por meio da aprovação do projeto Diversidança na Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Dirigido por Renata Mara, artista com baixa visão, o grupo reúne pessoas com e sem deficiência. Em cena, distintos modos de configurações corporais, percepção visual e de locomoção convivem com diferentes experiências em dança, fazendo da obra um convite à diversidade. "Húmus" teve estreia no Grande Teatro do SESC Palladium, integrando a programação do Palco Giratório.

AD OC L

HÚMUS

Coletivo – Direção Renata Mara (MG)

31/10 | seg | 20h

Duração: 50 minutos

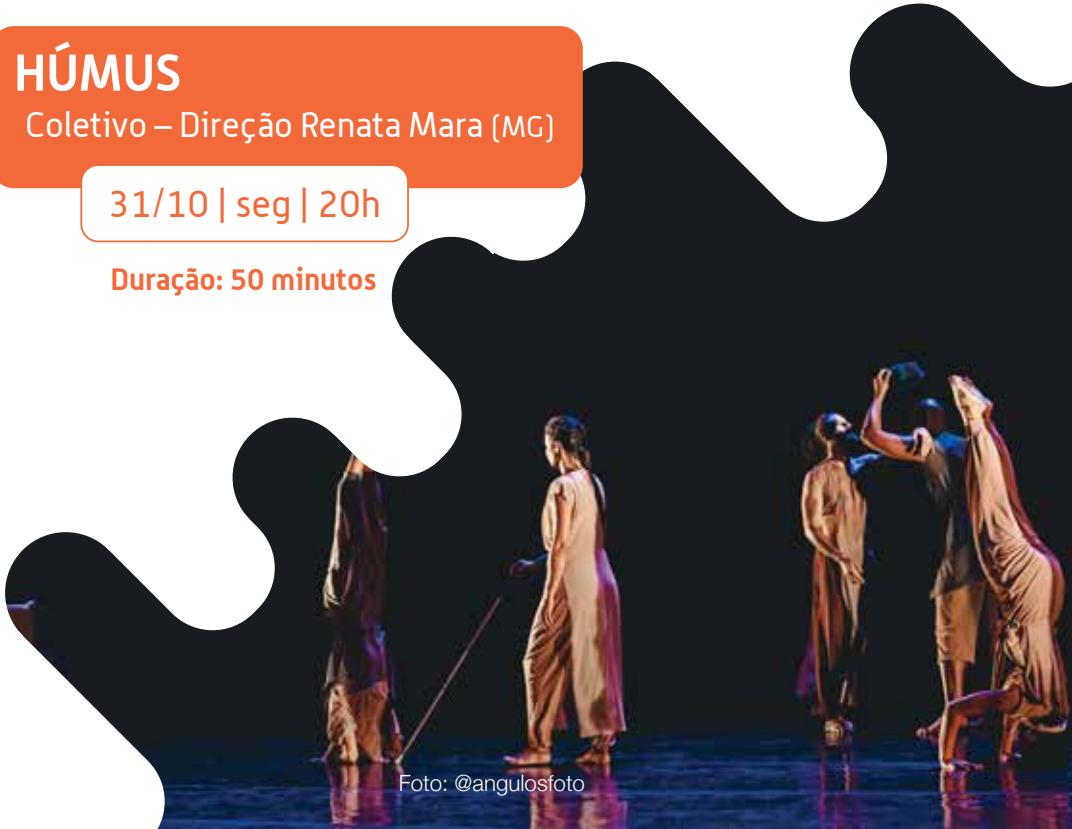

Foto: @angulosfoto

ESPETÁCULOS PRESENCIAIS

Foto: Allan Calisto

CABRA-CEGA

Pigmentar Companhia (MG)

16 e 17/09 | sex e sáb | 20h
Galpão Cine Horto

Duração: 40 minutos

Dois corpos, duas histórias, duas linhas que nos vértices de suas memórias encontram o eixo de si próprios. É brincadeira de infância, polos de estrelas delirantes através do espaço turvo, coisa de criança que dança, sonha, corre, se equilibra e conta histórias ou conta nebulosas, constelações, números... borboletas. É energia que se condensa, se aglutina, se expande e se transfigura, se torna força, tempo, medo. Feito à luz que se refrata no cristalino universo de nossas estradas, nossas vias que se fundem e se tornam um, se tornam dois, dois corpos, duas histórias, duas linhas; uma cega e outra negra, turvas, cadentes e cambaleantes pontos de luz no espaço.

É pique, é o corre, é reta, é **cabra-cega.**

Biografia

A Pigmentar Companhia é um grupo de teatro de Belo Horizonte que tem como princípio o trabalho pautado em questões sociais e marginais, tais como questões de raça, gênero, deficiências, poesias, corpos e histórias de vida. Além de um grupo, é uma plataforma que busca discutir e provocar temas importantes na nossa sociedade através de uma pesquisa corporal e autoral dos atores. É um grupo que através da poesia escancara as feridas sociais que por vezes tendem a permanecerem escondidas e silenciadas na busca por uma inclusão social e teatral de grupos sociais marginalizados.

AD

L

Foto: Juliana Cancio

CARTAS PARA IRENE

Oscar Capucho (MG)

18/09 | dom | 19h
Galpão Cine Horto

Duração: 60 minutos

Cartas para Irene é uma criação em andamento de dança e teatro que se estrutura a partir de cartas escritas por Oscar Capucho à sua mãe, falecida em abril de 2012. Oscar Capucho é dançarino e ator. Ficou cego aos 9 anos devido a um descolamento de retina. Neste espaço-tempo que marca a transição entre o mundo permeado por imagens e um outro, no início obscuro, permeado de incertezas, Oscar descreve com muita emoção o papel que Irene, sua mãe, teve em sua vida.

Biografia

Oscar Capucho é formado em teatro pela UFMG. Iniciou sua carreira atuando no grupo "Nós Cegos" e, posteriormente, já com experiência, recebeu convites para dirigir trabalhos teatrais. Um curioso pesquisador do movimento, sempre se inspirou na dança, a qual lhe proporcionou diversas experiências com importantes artistas e uma relevante participação na cerimônia de abertura das Paraolimpíadas Rio-2016. Hoje, componente da Cia. Ananda, compartilha sua pesquisa ministrando workshops e residências artísticas pelo Brasil e Europa.

AD

L

Pisca Devagar: um encontro cênico entre a artista da dança Renata Mara e a escritora e performer Brisa Marques. Uma pesquisa de duas mulheres com deficiência a respeito de seus modos de mover, olhar e sentir; corpos que problematizam estruturas e padrões sociais hegemônicos.

Biografia

Brisa Marques é performer, jornalista, curadora, escritora e letrista. Tem 2 livros de poesia lançados, respectivamente, em 2009 e 2018, "Entre as veias de fato" e "corpo-concreto"; músicas gravadas por parceiros de diferentes lugares do mundo; concebeu e atuou em várias performances e lançou, em 2021 e 2022 os vídeo-poemas "Corpo que Habito" e "O Salto". Na Rádio Inconfidência foi produtora, apresentadora e diretora artística.

Renata Mara é mineira, artista da dança, docente e pesquisadora com baixa visão. Suas criações atuais integram corpo, música, imagem, poesia e cena. Interessada no fazer artístico por e para todos, é professora certificada do método DanceAbility, sendo referência em práticas e estudos em arte, educação, inclusão e acessibilidade. É doutora em Teatro, contribuindo assim tanto com a produção artística quanto acadêmica de nosso país.

PISCA DEVAGAR

Brisa Marques e Renata Mara (MG)

23 e 24/09 | sex e sáb | 20h
Galpão Cine Horto

Duração: 40 minutos

Foto: Henrique Manara

O segredo, inconsciente, fotografia, tarja preta, espaço vazio.
O que é teatro? O que é loucura? O que é real? O que é escuro, o que é claro... a cena, nessa criação do Sapos e Afogados, é um objeto, uma situação a se atravessar, um som, uma metáfora delirante sobre o que é fazer teatro e o que acontece nesse espaço em que se atravessa. Caixa cênica, o mundo de um ator, o sagrado, o que ainda não tem nome, ações internas, possibilidades descobertas, com tampa ou sem tampa, imagens a serem desvendadas em um mundo a ser decodificado.
Um teatro transtornado, de personagens que só precisam de seus corpos para fazer sentidos na trama que, em si, nem existe.
Bem-vindos à Caixa Preta! Desliguem seus celulares, não fumem, não tragam animais silvestres, não percam as crianças pelo caminho.
A partir de agora, uma experiência qualquer. Numa região, a partir de um acesso, diversos sentimentos que talvez sofram influência da razão.
Bem-vindos!
Caixa Preta é uma abertura para a compreensão e transformação da realidade.
Bem-vindos à caixa preta, o inconsciente inerente à consciência, com todos os seus cinco sentidos.

Biografia

O Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados foi formado em 2002 por meio do trabalho da atriz Juliana Barreto nas oficinas de teatro, em Centros de Convivência da Rede Pública de Saúde Mental de Belo Horizonte. Desde então, os atores, usuários deste serviço, desenvolvem pesquisa na área teatral e audiovisual. Este trabalho não só instaura outro espaço de expressão para os cidadãos em sofrimento mental, como também faz operar outra lógica de criação e experimentação no campo das artes cênicas, pelo então sujeito denominado louco.

Foto: Pedro Zajden

CAIXA PRETA

Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados (MG)

21/10 | sex | 20h
Teatro Raul Belém Machado

Duração: 55 minutos

LÁGRIMAS DA FLORESTA

Ananda Cia de Dança Contemporânea (MG)

22/10 | sáb | 10 e 16h
Teatro Raul Belém Machado

Duração: 70 minutos

Classificação indicativa: 07 a 14 anos

Lágrimas da Floresta é um espetáculo infantil inspirado em contos indígenas, no qual o público é convidado a vivenciar, de olhos vendados, uma missão: salvar uma floresta devastada. Na história, as crianças são convidadas a se juntarem aos guardiões da floresta que tentam encontrar um meio de salvar a mata que foi degradada pelos homens. A floresta é protegida por uma ave, que, ao ver toda essa degradação, sobe as árvores até o céu e seca os rios, a fim de expulsar todos que ameaçam a existência da floresta. Com muita dança, música e seres encantados, essa história propõe uma trama emocionante e repleta de aventuras. A criação também oferece a experiência de uma criação sem uso da visão, potencializando assim todos os outros sentidos e sensações.

Biografia

A Cia Ananda foi fundada em 2017 pela dançarina e coreógrafa Anamaria Fernandes, juntamente com 20 outros artistas. Foi projeto de extensão da UFMG até o ano de 2020. Desde 2021, a Cia se configura como um coletivo de artistas que promove múltiplas atividades: espetáculos de dança contemporânea, oficinas temáticas, formações, palestras e criações de filmes. Todas essas ações compartilham uma abordagem artística comum: a estética da diferença, a estética da diversidade. Através de seu trabalho de criação e oficinas, a Cia Ananda funda sua pesquisa e ações em torno da investigação gestual e vocal, da autoralidade, da noção do encontro, da diversidade, do compartilhamento e da acessibilidade. Ela confere uma atenção especial aos públicos que enfrentam dificuldades de acesso a direitos sociais e culturais fundamentais.

*Se necessário acompanhamento em Libras, solicitar previamente através do e-mail projetoacessabh@gmail.com. **Capacidade reduzida a 40 crianças por apresentação.
Os pais ou responsáveis acompanham da plateia e as crianças participam no palco, junto com os artistas.

Foto: Gilberto Goulart

AVE

Ananda Cia de Dança Contemporânea e
Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos Afogados(MG)

23/10 | dom | 19h
Teatro Raul Belém Machado

Duração: 50 minutos

Ave é um projeto híbrido entre a dança e o teatro desenvolvido a partir do encontro de dois coletivos de BH: a Ananda Cia de Dança Contemporânea e o Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados. Livremente inspirado em questões provocadas pela comédia "As Aves", de Aristófanes, o espetáculo investiga jornadas individuais e coletivas na fundação de novas lógicas sociais, novas relações e uma nova realidade. Mergulhando no universo de cores, sons e movimentos dos pássaros, o trabalho explora linguagens diversas como o cabaré, a dança contemporânea e a comédia popular.

O encontro entre Cia Ananda e Sapos e Afogados

A parceria entre a Cia Ananda e o Sapos e Afogados se inicia em 2020 em um debate promovido pelo Seminário Acessa BH, onde Anamaria Fernandes, Juliana Saúde, Oscar Capucho e Viviane de Cassia, debatiam sobre "O que pode o corpo?". Desde então, Anamaria e Juliana começaram a pensar num espetáculo para unir os dois grupos, numa composição que entrelaça a dança e o teatro, com dramaturgia de João Santos.

AD L

ATIVIDADES FORMATIVAS

Foto: Arquivo pessoal

Oficina

#ForadaCaixa – Acessibilidade Criativa para Projetos Culturais

com Andreza Nóbrega

via plataforma Zoom

Ementa

A oficina tem como objetivo inspirar e desenvolver estratégias criativas de acessibilidade para projetos culturais alinhados aos fundamentos técnicos da área. Inicialmente, serão apresentados os fundamentos da acessibilidade comunicacional, do Desenho Universal e dos princípios da acessibilidade criativa e artística. Em seguida, será construída uma demonstração de proposta acessível para um projeto cultural imaginário. As aulas serão conduzidas mesclando a teoria com o relato de experiências.

Ministrante

Andreza Nóbrega - Doutoranda em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC com pesquisa envolvendo a pedagogia do teatro, a inclusão e a formação de espectadores sob a orientação do Dr Flávio Desgranges. É mestra em educação com enfoque na Educação Inclusiva (UFPE), especialista em audiodescrição (UFJF), graduada em Licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas (UFPE). É atriz, audiodescritora, professora da rede pública de ensino e produtora cultural. Coordenadora da VouSer Acessibilidade, é idealizadora de ações formativas e inclusivas nos projetos: Festival Conectação, Encontro de Acessibilidade Comunicacional em Pernambuco, Experiri Lab de Artista, Cine Às Escuras: Mostra Erótica de Cinema Acessível, do Cineclube VouVer Filmes, Conectação Teatro e LABAcessibilidade Artística e Criativa.

Número de vagas: 30 vagas por turma

Público alvo: Artistas, produtores, gestores culturais, arte-educadores, profissionais da acessibilidade e interessados em geral.

Pré-requisito: É necessário que os alunos possuam computador ou celular com acesso à internet, áudio e vídeo. No caso de acesso pelo celular, é necessário ter instalado o aplicativo Zoom.

Cronograma Turma 1

Período de inscrição: 15 de agosto a 11 de setembro
Divulgação dos alunos selecionados: 15 de setembro
Datas das aulas: 20 e 22 de setembro
Horário das aulas: das 9h às 12h

Cronograma Turma 2

Período de inscrição: 05 a 28 de setembro
Divulgação dos alunos selecionados: 30 de setembro
Datas das aulas: 04 e 06 de outubro
Horário das aulas: das 15h às 18h

Um Milhão de Cores

Um espírito convoca minha voz
diz que tenho alma
diz que tenho cores
E vão passando as horas no sobrenatural dos
números
No impensável da orquestra
Que aponta música em toda parte
E a vida vai dançando certeira na pressa de ser Deus
Na fúria de ser tempo
E eu abro os braços e acolho
Não o sol
Mas a manhã de cinza
Despretensiosa
Sorrindo na janela

Pedro Muriel

HOMENAGEM

PEDRO MURIEL

★ 21/02/1987

† 22/06/2022

"É importante que as pessoas com deficiência tenham autonomia, possam ter independência na hora da utilização dos equipamentos de acessibilidade, não precisem, salvaguardados casos específicos onde a pessoa necessita de auxílio constante de terceiros, contar com auxílio de outras pessoas na hora de entrar em um museu, ler o cardápio de um restaurante ou assistir um programa de televisão. O caminho para uma cidade inclusiva é longo e exige um esforço grande para que não sejamos surdos, cegos e mudos para as batalhas diárias enfrentadas pelas pessoas com deficiência. Por fim, é preciso que entendamos que a luta por acessibilidade não é uma luta só das pessoas com deficiência, é uma luta de todos. É uma luta para que as pessoas com deficiência não sejam mais tratadas como pessoas invisíveis, mas como pessoas relevantes na construção da sociedade."

Pedro Muriel

TERMINOLOGIAS E OUTRAS DICAS

- Não se usa mais os termos "deficiente", "pessoa com necessidades especiais" ou "portador de deficiência". Atualmente, o termo adequado é **"pessoa com deficiência"**, que mantém o foco na palavra pessoa. Segundo a Lei Brasileira de Inclusão, "considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas." Longe de considerar a deficiência como um problema particular, essa definição faz um chamado à sociedade como um todo, para assumir a responsabilidade na eliminação das citadas barreiras.

- **Capacitismo** é a discriminação dirigida a pessoas com deficiência, das mais variadas formas. Ele parte do princípio que a deficiência é um desvio, algo que idealmente deveria ser "corrigido" ou ao menos minimizado para se aproximar do padrão dito normal. O capacitismo pode ser agressivo, ao tratar as pessoas com deficiência como incapazes, inferiores, indesejáveis. Mas ele também se esconde nas abordagens excessivamente assistencialistas, que veem essas pessoas como dignas de piedade: indivíduos que merecem cuidados paliativos, mas nunca terão uma vida plena. Até mesmo as narrativas de exaltação frequentemente escorregam para o capacitismo, ao insistirem na questão da superação. Muitas vezes, a pessoa com deficiência é mostrada como um quase super-herói, que conseguiu se destacar individualmente, somente porque as expectativas relativas a alguém na mesma situação eram muito baixas. Muitos termos e expressões de cunho capacitista ainda são usados, ainda que de forma inconsciente. Alguns exemplos ofensivos são: retardado mental, sequelado, capenga, etc. Na outra ponta, dizer que alguém é "especial" por ter alguma deficiência também é capacitista, porque tenta camuflar, suavizar a limitação da pessoa.

- Expressões capacitistas a serem abolidas do nosso vocabulário: Mais perdido do que cego em tiroteio. Não temos braços - ou pernas para isso. Dar uma de João sem braço. Cego de raiva. Em terra de cego, quem tem olho é rei. O pior cego é aquele que não quer ver. Que mancada.

- **Acessibilidade** é a possibilidade de uso e acesso do espaço físico, transporte, meios de informação, comunicação e lazer, entre outros, com segurança, autonomia e equidade. Ela pode se traduzir em adaptações do meio físico, na flexibilização e multiplicação de canais de informação e na adequação de normas e metodologias para atender diferentes demandas. Os recursos, dispositivos, técnicas e métodos usados para promover a acessibilidade são chamados de tecnologias assistivas. Todos esses são imprescindíveis, mas devemos ter em mente que a inclusão sempre começa pela Acessibilidade atitudinal, ou seja, pela disposição em acolher, compreender e, na medida do possível, atender cada pessoa, no que ela deseja e precisa.

- Além do bem conhecido Símbolo Internacional de Acesso, composto pelo desenho de uma pessoa numa cadeira de rodas (sempre voltada para a direita), também existe um Ícone Internacional de Acessibilidade, criado mais recentemente pela ONU. Representado por uma pessoa de braços e pernas abertas dentro de um círculo, ele pretende abarcar de forma mais ampla os variados tipos de deficiência.

é o ícone internacional de acessibilidade

- **Desenho Universal** é um conceito originalmente desenvolvido na área de Arquitetura, que propõe a concepção e construção de obras, produtos, espaços e processos que sejam de uso compreensível, intuitivo, confortável, seguro e flexível para toda e qualquer pessoa. Saindo da lógica da adaptação, o conceito sugere pensar a inclusão como um valor primordial e amplo, que inclusive vai muito além da questão da deficiência. O uso de uma porta com sensor de presença, por exemplo, independe de força, habilidade, mobilidade ou capacidade cognitiva. Por isso, ela também atende a crianças, idosos e até mesmo estrangeiros, que poderiam não entender instruções escritas. Um livro com versões em tinta, braille, áudio, com recursos táteis e de leitura fácil tem a possibilidade de atingir um número imenso de leitores, inclusive pessoas total ou semianalfabetas. Embora a implantação plena do Desenho universal ainda esteja longe da realidade, o conceito deveria servir como guia norteador de toda e qualquer ação e projeto, na esfera pública ou particular.

- O lema do Movimento das Pessoas com Deficiência é **"Nada sobre nós, sem nós"**. Tendo isso em mente, sempre que falar, planejar, promover algo sobre ou para pessoas com deficiência, certifique-se de que elas tenham participação plena e ativa. Inclusive no dia-a-dia, quando quiser saber algo sobre uma pessoa com deficiência presente no ambiente, dirija-se a ela, e não a quem estiver a acompanhando. Se for uma pessoa surda, olhe para ela, permitindo que o intérprete escute a fala, para traduzir depois. Se for uma pessoa com deficiência intelectual, use uma linguagem fácil, de acordo com a idade dela, e espere que ela decida se necessita de ajuda para responder.

- É adequado usar o termo "cego" para se referir a alguém com visão mínima ou nula, e "pessoa com baixa visão", para quem preserva alguma funcionalidade da visão. A pessoa que, além da deficiência visual, também tem deficiência auditiva é chamada de surdocega.

- Ao iniciar uma conversa com uma pessoa com deficiência visual, apresente-se. Mesmo que a pessoa a conheça, não suponha que ela vai necessariamente reconhecer sua voz. Avise antes de se afastar ou de se retirar da conversa, para que a pessoa não fique falando sozinha. Pergunte antes se a pessoa precisa e/ou deseja ser guiada. Se sim, deixe que ela lhe segure o ombro (no caso dela ser significativamente mais alta) ou

o braço na altura do cotovelo, de modo que esteja sempre um passo atrás de você. Ah, e se a pessoa estiver com um cão-guia, antes de brincar ou afagar o animal naquele momento, certifique-se de que o animal está num momento de descanso.

- Clinicamente relacionado à ausência ou perda da audição, o termo "surdez" também tem uma forte conotação sociocultural. As expressões "identidade surda" e "comunidade surda" estão fortemente ligadas ao uso das línguas de sinais. A expressão "surdo-mudo", porém, não é adequada, pois supõe uma incapacidade física de fala, o que geralmente não corresponde à realidade. Mesmo pessoas com perda auditiva severa podem aprender a falar e a fazer leitura labial. Nesse caso, elas são chamadas de oralizadas, e podem ou não usar também a língua de sinais.

- O termo correto é "língua" e não "linguagem de sinais". Assim como as línguas orais, as línguas de sinais são sistemas complexos, com lógicas, normas e processos de desenvolvimento específicos. O alfabeto sinalizado é somente uma forma do sistema se apropriar da língua oral, e constitui sua menor parte. De forma geral, cada país tem (ao menos) uma língua de sinais, que não tem ligação direta com a língua oral da nação (por exemplo, há enormes diferenças entre a Libras e a Língua Gestual Portuguesa). No Brasil, além da **Libras**, também temos a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira, utilizada pela tribo de mesmo nome, nativa do Maranhão.

- A expressão "deficiência física/motora" engloba uma enorme variedade de condições relacionadas à ausência ou má formação de alguma parte do corpo, questões de mobilidade, força, coordenação, etc. O termo "cadeirante" é geralmente bem aceito, pelo menos num contexto coloquial.

- Se estiver conversando com uma pessoa em cadeira de rodas ou com nanismo, procure manter os olhares no mesmo nível, e evitar que a pessoa permaneça muito tempo com a cabeça erguida.

- Acessibilidade para pessoas com deficiência física/motora vai muito além das rampas. Seguindo os preceitos do Desenho Universal, ela envolve planejar espaços para a entrada e a manobra confortável de cadeira de rodas, prever o alcance e o uso autônomo de dispositivos diversos, considerando possíveis limitações de força e coordenação, e quais partes do corpo podem ser usadas no processo.

- A antiga expressão "deficiência mental", relacionada a alguma limitação no quociente intelectual e/ou nas habilidades sociais e de autocuidado, foi substituída por "deficiência intelectual".

- Mesmo entre pessoas com condições parecidas (como a Síndrome de Down, por exemplo), existe uma variação grande nas limitações cognitivas e padrões comportamentais. Com estimulação precoce e recursos de acessibilidade, todos podem desenvolver suas potencialidades e, em alguns casos, levar uma vida bastante independente.

- O Transtorno do Espectro Autista abrange condições que afetam, de algum modo, o desenvolvimento e expressão da linguagem, comunicação e socialização, podendo se manifestar de maneiras diversas. Pode estar associado tanto à deficiência intelectual quanto à superdotação. Algumas pessoas nunca desenvolvem a comunicação verbal (embora possam se comunicar muito bem de outras formas), enquanto outras são bem articuladas nessa área. O nível e o tipo de sensibilidade a estímulos (visuais, auditivos, táteis, etc) também varia imensamente, assim como os interesses das pessoas no espectro (é muito comum que elas tenham hiperfoco, uma concentração acentuada em determinado assunto, objeto, tarefa, etc).

- Embora no Brasil os sujeitos no espectro sejam considerados pessoas com deficiência para efeitos legais, não há consenso na definição do Transtorno como um tipo de deficiência. Especialmente nos últimos anos, vêm ganhando força o conceito de Neurodiversidade, que aborda o espectro autista (e outras condições) de forma diferente. Segundo o conceito, há muitas formas de pensar, aprender, se comunicar e se comportar, e não há um padrão normal ou ideal. Em contraponto à fita com peças de quebra-cabeça, bastante usada pra representar o transtorno do espectro autista, a Neurodiversidade é representada pelo símbolo do infinito (um 8 deitado) nas cores do arco-íris.

é o Símbolo da Neurodiversidade

Aqui no programa do Acessa, você também viu outros ícones que se referem à acessibilidade:

é o Símbolo para Audiodescrição

é o Símbolo para Libras - Língua Brasileira de Sinais

é o Símbolo para Open Caption ou “Legendas Visíveis”

é o Símbolo Internacional de Acesso (SIA)

AGRADECIMENTOS

Para que essa segunda edição do Acessa BH fosse possível, precisamos agradecer várias pessoas que foram essenciais nessa jornada:

- Emerson Fernandes e equipe Vallourec
- Rute Assis, Sheila Silva e equipe Instituto Unimed-BH
- Paula Paiva e equipe MGS
- Eliane Parreiras, Secretária Municipal de Cultura de Belo Horizonte
- Chico Pelúcio, Marina Arthuzzi, Sabará e toda a equipe do Galpão Cine Horto
- Robson Weligton, Thiago Oliveira e toda a equipe do Teatro Raul Belém Machado
- Cíntia Caroline, do Costuras do Imaginário e Flávia Neves, do Jogo Librário, responsáveis pelos mimos do nosso press kit
- Renan Perovano e Raphael Campo, da Inclusive Wine, primeira empresa brasileira a fornecer um rótulo acessível, com Audiodescrição, legendas e Libras
- Thiago Coelho e toda a equipe da ERA, Anita Rezende e toda a equipe de acessibilidade, e nossa equipe de produção
- Todos os artistas que aceitaram nosso convite para estar em nossa programação!

Nosso muito, muito obrigado!

FICHA TÉCNICA

Idealização, Curadoria, Coordenação Geral e de Produção
Daniel Vitral e Lais Vitral

Produção executiva
Svend Sorensen

Assistentes
Bruno Righi, Cláudia Cardoso, Danielle Claudino e Silvia Carolina Ferreira

Coordenação de acessibilidade
Anita Menezes

Consultores em audiodescrição
Carlito Homem de Sá e Elizabet Dias de Sá

Roteiristas e locutoras de audiodescrição
Ana Cláudia Xavier, Anita Rezende e Cleide Fernandes

Editores de audiodescrição
Bianca Dantas e Lucas Lobato

Legendistas
Ana Cláudia Xavier, Anita Menezes e Matheus Guimarães

Tradutores e Intérpretes de Libras-Português
Flávio Maia, Larizza Confessori, Layse Barboza, Rosane Lucas e Uziel Ferreira

Assessoria de Imprensa MG
Luz Comunicação – Jozane Faleiro e Déborah Corsino

Assessoria de Imprensa SP
Atti Comunicação – Valéria Blanco e Eliz Ferreira

Design gráfico e redes sociais
ERA - Empório de Relacionamentos Artísticos | Flávia Lemes, Igor Monteiro, Lomas Costa, Luiza Resende, Rafael Cipriani e Thiago Coelho

Site
ERA - Empório de Relacionamentos Artísticos | Ana Clara Medina, Fábio Rufino e Rafael Cipriani

Streaming
ERA - Empório de Relacionamentos Artísticos | David Marinho e Thiago Coelho

Registro Fotográfico e videográfico
ERA - Empório de Relacionamentos Artísticos

Assessoria Jurídica
Dolabella Costa Campos Advocacia e Consultoria

Coordenação administrativo-financeira e prestação de contas
Vitral Bureau Cultural – Célia Vitral e Daniel Vitral

Contabilidade
Versátil Contabilidade – Luiza Vial

Lei de Incentivo à
CULTURA

Patrocínio

vallourec

INSTITUTO UNIMED

Unimed Belo Horizonte

Incentivo

LMIC
LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

CULTURA

PREFEITURA BELO HORIZONTE

Realização

PROJETO REALIZADO PELA SOCIEDADE CIVIL COM RECURSOS ORIUNDOS DA POLÍTICA DE FOMENTO À CULTURA MUNICIPAL

LAIS VITRAL

VITRAL BUREAU CULTURAL

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

Pronac 180421 | Projeto 0189/2020